

Data: 05.12.2020

Titulo: Covid faz país perder dois terços do emprego criado desde 2015

Pub:

Diário de Notícias



Tipo: Jornal Nacional Semanal

Secção: Nacional

Pág: 1;10;11

RETOMA GRIPADA — P. 10-11

Covid faz país perder dois terços do emprego criado desde 2015

Área: 1152cm² / 37%

Foto Titagem: 24.000

Cores: 4 Cores

ID: 7007526



CRISE PANDÉMICA

Retoma gripada: País perde dois terços do emprego criado desde 2015

Durante estes dois governos PS foram criados 364 mil empregos, mas a pandemia faz desaparecer 224 mil, segundo contas atualizadas da OCDE. O ISEG já vê o país à beira de uma nova recessão.

—LUÍS REIS RIBEIRO
luis.ribeiro@dinheirovivo.pt

A segunda vaga da pandemia deve empurrar a economia portuguesa para uma situação mais crítica do que se espera em termos de emprego e salários. Há várias instituições que preveem que a retoma de Portugal seja três vezes mais lenta do que dizem o governo ou a Comissão Europeia. Algumas análises recentes indicam mesmo que, por causa das novas medidas de confinamento, a economia está à beira de uma nova recessão. Isto depois de ter recuperado no terceiro trimestre (período do verão).

A Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Económico (OCDE), a que mais recentemente fez projeções para o país, está bastante descrente na retoma. A economia portuguesa deve avançar apenas 1,7% no ano que vem (três vezes menos do que os 5,4% estimados pelo governo e Bruxelas) e os trabalhadores vão ser apanhados na crise de forma violenta.

De acordo com cálculos do Dinheiro Vivo a partir de dados da OCDE, a pandemia (primeira e segunda vagas) deve apagar dois terços do emprego criado durante os últimos governos PS.

Entre 2015 e 2019, a economia portuguesa criou cerca de 364 mil empregos. Mas em apenas dois anos, olhando para os pressupostos da OCDE, devem desaparecer 224 mil postos de trabalho por causa da crise em 2020 e 2021.

A OCDE até está menos pessimista quanto à destruição de em-

prego neste ano (fala de uma queda de 2,8%; o governo espera 3,8%). Mas em 2021, a recuperação perde gás: a economia cresce muito menos e o emprego em vez de avançar 1%, como espera o governo, deve tombar 1,8%, segundo a organização sediada em Paris.

Isto faz que em cima dos quase 138 mil empregos destruídos em 2020, Portugal fique sem mais 86 mil postos de trabalho adicionais no ano que vem.

Se assim for, no grupo de quase quatro dezenas de países (considerados desenvolvidos pela OCDE), Portugal vai ter a sexta pior restrição no mercado de emprego.

Salários estagnam em 2021

Com os salários acontece o pior também: o salário por trabalhador até deve subir ligeiramente neste ano, porque muitos empregados com salários mais elevados conseguiram manter o emprego e continuar a trabalhar a partir de casa.

Em contrapartida, os precários – mal pagos, tendencialmente mais jovens, menos qualificados – e os

trabalhadores com profissões iminentemente presenciais, não conseguiram manter os seus postos de trabalho. Veja-se o caso das atividades ligadas ao turismo. Por isso a média salarial *per capita* sobe.

Mas em 2021, a economia deve começar a destruir empregos que conseguiram resistir até aqui. Segundo a OCDE, o ordenado médio por empregado ressentir-se e vai estagnar em 2021, sendo um dos piores registos do grupo das quase 40 economias ricas. A organização prevê uma subida de apenas 0,2% no ano que vem, o registo mais fraco desde os anos do ajustamento da *troika* e do governo PSD-CDS.

Economistas já veem país à beira de nova recessão

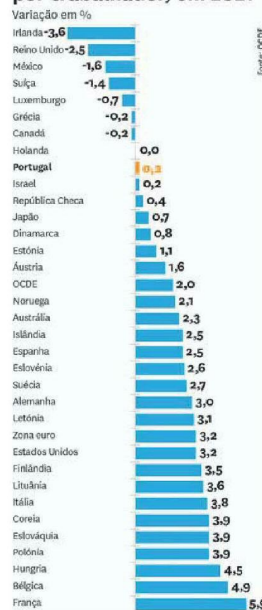
De acordo com o departamento de estudos conjunturais do ISEG, “na sequência das novas medidas restritivas da atividade económica e social tomadas para controlar a evolução da pandemia, emergem sinais, ao nível qualitativo e quantitativo, de que a recuperação da atividade económica registada no terceiro trimestre irá ser interrompida no quarto”.

Os indicadores relativos ao último trimestre, “ainda que muito parcelares”, evidenciam uma tendência mais negativa, tanto na procura interna (consumo e investimento) como na procura externa líquida (exportações menos importações).

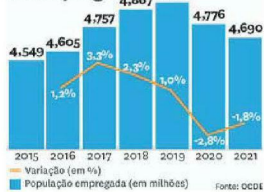
Assim, o grupo de analistas do ISEG antecipa uma “queda do PIB em relação ao terceiro trimestre,



Evolução do salário médio por trabalhador, em 2021



Portugal arrisca dois anos seguidos de destruição de emprego

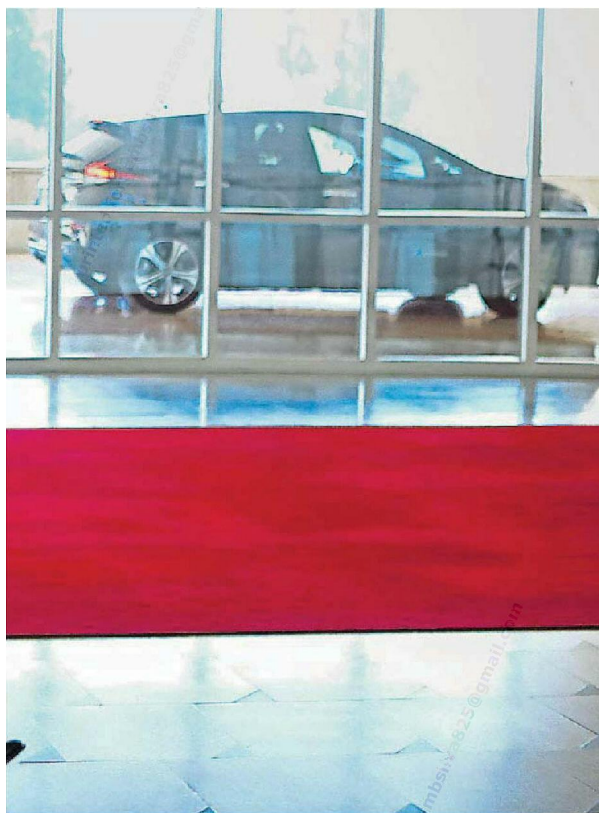


Área: 1152cm² / 37%

Tiragem: 24.000

Foto: 4 Cores

ID: 7007526



obrigados a fechar na primeira e nesta segunda vaga de confinamento; muitos, sabe-se agora, não reabriram, nem nunca mais vão reabrir. Faliram.

Bomba-relógio e bazuca encravada

Joaquim Miranda Sarmento, professor de Economia do ISEG e presidente do Conselho Estratégico do PSD, também está pessimista. É membro da oposição e culpa muito o governo do PS por gerir mal a crise sanitária e económica.

O economista observa que “a Comissão Europeia refere que a redução do défice em 2021 será exclusivamente por via de o governo retirar apoios à economia”. “O governo prevê retirar todos os apoios de 2020, apesar de a pandemia se prolongar no próximo ano.”

A economia cresce muito menos e o emprego, em vez de avançar 1% como diz o governo, tomba 1,8%, avisa a OCDE.

O professor relembra ainda que “um estudo do FMI mostra que Portugal é um dos países europeus que menos investiram no combate à crise, quer na vertente da saúde quer na vertente de apoio à economia”, e que esse trabalho “indica que em 38 países desenvolvidos Portugal é o 35.º em gastos com a crise em percentagem do PIB [produto interno bruto]”.

“O governo apostou tudo nas moratórias, deixando uma bomba-relógio para o setor financeiro enfrentar nos próximos anos” e ainda há o problema da “bazuca europeia”, “o dinheiro de Bruxelas que ninguém sabe quando chegará”, refere Miranda Sarmento, num artigo divulgado pelo Fórum para a Competitividade.

A Hungria e a Polónia estão a bloquear todo o processo, impedindo Portugal de chegar a tempo aos mais de 13 mil milhões de euros em subsídios a fundo perdido. “Para 2021, há sinais positivos, como a proximidade de uma vacina, mas também muita incerteza. Portugal, com o elevado peso do turismo, deverá ter dificuldade em recuperar, pelo que esperamos um crescimento do PIB que fique entre 1% e 4%”, acrescenta Pedro Braz Teixeira, economista daquele Fórum.

Área: 1152cm² / 37%

Tiragem: 24.000 FOTO

Cores: 4 Cores

ID: 7007526